





Florianópolis—SC / Porto Alegre—RS / Londrina—PR

2022

Sumário

Prólogo

Marta Martins & Gerusa Morgana Bloss (09)

O ponto que voa: um ensaio sobre procedimentos

Fercho Marquéz-Elul (15)

A ficção se leva no bucho: e é de lá que se tira

Fercho Marquéz-Elul (19)

Venha

7 de setembro

Dariane Martiol (42)

Vacuna/vacina

Francela Carrera (44)

Para todos os garotos que não me amei

Maurício Bittencourt (48)

Octaedro

Criaturas imaginárias

Angelica Neumaier (54)

Vazio eloquente

Edson Vieira (58)

O mergulho

Isadora Cunha (62)

Restaurante oriental

Marta Martins (66)

G.R.E.S.V. Formas de Narrar

Tiago Herculano da Silva (70)

Ninguém tem porque saber de nossa vida [...]

A moça do banco de praia

Joviana Jensen (76)

Escritas de atenção ao ordinário

Rafaela Martins (80)

As tais fotografias

Gerusa Morgana Bloss (84)

O quarto

L. Hansen (88)

Mil e uma noites

Cola

Andrey Parmigiani (94)

Havana connections

Katiana Rocha Machado (98)

Os contos das coisas

Priscila Hayashi (102)

Era muito normal e atenta estava com a cabeça onde deveria estar

Gabriel Villas (106)

O vinho [caiu] como uma luva

Tornando-te lembrança

Mauricio Igor (112)

O revés de um parto

Juliana Silva (116)

Outros tempos

Mariana Medeiros (120)

Nem tudo é matéria] [bruta nem tudo

Odete Calderan (124)

Procedimento

Um café e um conto

Janaina Ramos Marcos (130)

***Membra disjecta:* um extrato em quatro histórias**

Fercho Marquéz-Elul (134)

Linha 0200

Mariana Corale (138)

Verão de 1950

Suzimara Regina Batista Rizzo (142)

O ponto que voa: um ensaio sobre procedimentos*

Fercho Marquéz-Elul

VENHA se constitui de um conjunto heterogêneo, porém dialogante de produções implementadas durante a disciplina *Formas de narrar: entre imagem e escritura*, ministrada pela Profa. Dra. Marta Martins, resultante de momentos de produção poética experimentada a partir de exercícios de produção. O que de experimental, de novo, se vê aqui, mais do que nunca, posto em diálogo incorrente com as pessoas. Há um momento em que é necessário abrir as cortinas, não importa as protelações dos atores e atrizes, o cenário inacabado, a iluminação desajustada. É com o que se tem, ou melhor, é com o pouco que se pode mostrar, o que será vislumbrado à mostra, no horizonte que se dá o trabalho da *ação*.

VENHA enfatiza essa *ação* desajeitada, ou melhor, ações cujo jeito é sentido, encontrado e identificado, compreendido, sinalizado e finalmente *narrado* na superfície do corpo à medida em que se age. A impressão desse movimento que se *faz* quando se *faz*¹, dessa contração, está armada sob a superfície do corpo (de todos os seres, como também da imagem). Captamos sua existência apenas quando, ao agir, sua *muscularidade* presente, mas subterrânea ou posteriormente repercute uma movimentação que *escreve*, que *diz*, que *conta*, mas que não está fisicamente presente na superfície. Esse *fazer-se*, que inscreve a própria ação profundamente *abismada* de uma *feitura* dentro do *fazendo-se*, podemos aqui chamar de *processo*.

Essa *muscularidade* — essa maneira de *ser*, de se *constituir* —, essa estrutura propriamente dita, coesa poética e previamente dada, que possibilita tal movimento, tal agir, é o próprio procedimento. E cada corpo possui a sua própria muscularidade e seu singular desajeito. O

¹ Não é possível de deixar de fora, as contrações presentes nos processos tectônicos e telúricos do nosso planeta, nem os estados realmente vivos de todas as matérias, até mesmo aquelas profundamente sólidas.

procedimento é como tal: com a atenção íntima, a pessoa arteira identifica no desejo (por produzir) previamente algum caminho arruinado ou em desuso e faz dele a via de seu deslocamento. Possibilita mais do que um *ir-e-vir* (tão regido juridicamente), mas um *vir-a-ir* (tão fomentado desejadamente). À medida em que trilha o caminho, partilha com ele a produção de mais caminho e essa tributação pessoal, feita com o corpo todo e o tempo todo, confere ao procedimento essa surpresa e inovação — o emergir da impressão, da marca inesperadas, do insinuante² à carícia — a partir dos elementos estruturantes prévios, passados ou já identificados na produção do corpo, da imagem.

O procedimento é essa malha presente nos músculos, nas redes, nas tramas. Segue o modelo do tear do início ao final, muitas das vezes, mas que extremamente maleável, sofre deformação em sua geometria para ser capaz de comportar os inúmeros usos e situações. Muitos procedimentos mesmo tendo um passo a passo bem delimitado desde o início ou por todo o processo, são capazes de se *modificar* à guisa do novo. Enriquecida existência em que uma rede de pesca imensa é portada dentro de um recipiente minúsculo; engolfante resistência, por sua vez, em que a mesma envelope, tragando tragicamente o imenso e descomunal animal marinho.

O procedimento mesmo inicialmente implementado de uma maneira estrutural pré-estabelecida pode sofrer mudanças no meio do processo. Uma trama de certa geometria produzida a certa altura pelo tear, pode passar a receber uma produção outra em si, constituída por nova formação de tramas. Entre anverso e verso da imagem, entre a frente e o atrás do tecido bordado, as consequências, as produções, as criações surgidas através do engajamento com o procedimento são avistadas por meio de vários níveis diferentes desde a visibilidade até o invisível, desde a compreensão racional até o incompreensível, em presença da obra, do trabalho em si.

É o desenho do tapete, a fatura do bordado em direção a qual nos engajamos. Isso nos aciona na experiência cuja situação nos é armada pelo procedimento. É atrás do tapete, no verso do bordado que estão os sentidos motores do procedimento, toda as tecnologias de astúcias, de trapaças, de

² Proveniente do verbo latino *īnsinuō*, formado por *in* + *sinuō*: “eu dobro, eu curvo”, mas também “eu escavo, eu esburaco”, tal verbo é importante aqui para suscitar o desejo que se atrai pelo que delicadamente se vislumbra a partir debaixo, pelo que se curva e se dobra antes de emergir em um nascimento deíscence.

posições tomadas à queima roupa, de ficção engendrada, de deslocamento no escuro do processo. E esse processo produtivo do bordado seja a âmbito alegórico premente para compreender a própria imagem: para criar imagem é necessário continuamente tocar o suporte que permite com que ela emergja.

Concomitantemente, bordar, costurar, criar tapetes é criar imagens através de procedimentos cujos vetores provêm de um movimento de fundo do suporte para a superfície, de trás para frente, *através* do suporte mesmo. O instrumento pontiagudo na mão ou na máquina desaparece na *posterioridade* do bastidor, vai para um ponto cego e ali apenas o que guia o caminho do processo da pessoa que borda é o procedimento, a ponto de a linha finalmente voltar à vista. Querer: ver o instrumento, senti-lo apenas no tato, perdido, sem tê-lo à vista, ressurgimento trazendo a linha desse ter/*dester*, ver/*desver*, materializado em imagem através de uma repetição fidelizada.

Os procedimentos se põem sempre em relação a um processo artístico, nunca simplesmente sozinho, acreditando-o ser como uma instituição, com o temor de incorrer em torná-lo um meio de *industrialismo* produtor de objetos obsoletos, nem sendo subjugado dentro do processo ou da arte, vindo por tornar-se um meio inferiorizado, digno de desconfiança, simplesmente um comportamento poético a ser reabilitado, pecando em trazer obras engendradas em *panfletarismo* purista e politicagens baratas.

Simplesmente se alimentar dos efeitos do procedimento, desprezando que como tais, escapam do controle de sua origem, paradoxalmente, é compreender de maneira muito teleológica sua produção, pois tal criação a partir do procedimento se torna uma excrescência. Ao mesmo tempo em que surge perante a pessoa arteira, se libera e se torna certamente independente do procedimento, mantendo é claro o parentesco sem hierarquias com o processo que o originou. A produção se torna uma outra coisa, se naculariza nesse âmbito, já que é na relação complexa com as pessoas que sua existência será modulada. Essa produção, se presa em noção restrita de uma relação estritamente genética, passa a corroer a ideia criativa de procedimento e transparecer em um uso genético de criador de origens o *poder* e o *controle* absolutos.

O procedimento quase nunca se refere apenas ao suporte cru de uma imagem. É algo mais interiorizado que, por vezes, lança mão de uma estrutura material para sua produção. Carece dizer que o procedimento vai, mais que nunca, ser gestado, refletido, habilitado, atualizado ou mesmo

traído no próprio campo inventivo e subjetivo da pessoa e isso é claro repercute em suas ações mais visíveis fisicamente no exterior, em sua superfície corpórea, no trato com os objetos, os processos, o mundo. O procedimento e sua gênese são elaborados poeticamente em uma região indistinta ou pouco localizável entre a razão e a sensação, entre o exterior e o interior do corpo, naquela zona bastante indefinida ou pouco definitiva: ali *no que vem a ir*, na forte aderência entre a carne e nossos ossos.

* O ponto que voa provém do deslizamento dos fenômenos ortográficos, etimológicos e fonéticos da língua catalã para o campo do processo e procedimento artísticos. O ponto que voa, aqui erraticamente utilizado para referir-se a uma mosca por exemplo, provém da expressão catalã *punt volat* [ponto voador] ou *punt alçat* [ponto elevado], nomeando o sinal diacrítico [·] que em português é chamado de ponto mediano. O ponto mediano compõe o “grupo modificado de letras” nomeado de *ela geminada* [ele geminado], grafado como L·L e com pronúncia /t:/, em diferenciação ao dígrafo do ele duplo LL, com pronúncia /k/. Essa geminação assim grafada representa a alteração fonética de dois eles que passam a ser pronunciados de maneira alongada. A *ela geminada* é encontrada em muitas palavras do latim e do grego que já possuíam etimologicamente um ele duplo e que passaram a serem demarcadas por esse ponto suspenso em catalão: *cèl·lula*, *col·laborar*, *col·lecció*, *excel·lent*, *il·legal* etc. Esse fenômeno de estabelecer uma zona de contato entre o campo etimológico com os campos ortográfico e fonético nos suscita pensar fios que partem de distinções para compor complexas redes de procedimentos que implementam eficazmente processos em um trabalho, mesmo que essas fontes se contradigam ou advenham de polaridades opostas. As idiossincrasias tributárias e, portanto, completamente parciais de cada campo repercutem na necessidade acionada, por sua vez, contínua e irremediavelmente faltante. Grafar a duplicação de uma letra preservada do passado que indica um alongamento consonantal, em distinguindo-a de outra duplicação ortografada idêntica, porém não foneticamente, converge para ações implementadas mais ou menos objetivas de se chegar às vias de fato. Ser capaz de coincidir ao arranjar surpreendentemente entre essas letras espelhadas um ponto flutuante, suspenso, errático e voador como uma mosca indecisa, ao mesmo tempo que ter seus efeitos eficazmente demarcados por tal distinção de maneira firme, pausada e focalizada ao desenvolver obstinadamente para as máquinas de escrever — no território da catalonofonia — uma tecla tipográfica só e única, produzida especialmente para a L·L é a imagem construída aqui para circunscrever poeticamente as interioridades dos inúmeros funcionamentos de um procedimento. Quando ao serem acionadas ferindo o papel, marcam de uma vez e em um golpe só — com o tipo móvel protuberante geminando um acordo — uma lei de escrita pela diferença, uma mesma origem, porém geminada, uma partitura de um som perdurado.

Organização:

Edson Vieira, Fercho Marquéz-Elul, Gerusa Morgana Bloss,
Juliana Silva, Mariana Corale, Mariana Medeiros,
Marta Martins, Priscila Hayashi

Coordenação Editorial:

Edson Vieira, Fercho Marquéz-Elul,
Juliana Silva, Mariana Medeiros

Produção gráfica:

Mariana Medeiros

Fotografia de Capa e capítulos:

Mariana Corale

Revisão e tratamento dos textos:

Gerusa Morgana Bloss e Mariana Corale

Revisão e tratamento das imagens:

Mariana Medeiros

Nós, organizadores do VENHA, agradecemos especialmente a
Ailton Pereira Junior, artista, professor e idealizador
do selo de publicações Ouriço Edições, por ajudar-nos em
mais um parto, mesmo tão atarefado com as *Novas*
Felicidades VINDAS

ISBN: 978-65-00-42480-5

Como citar: CORALE, Mariana, MARTINS, Marta, MARQUÉZ-ELUL,
Fercho et al. (org.). VENHA. Florianópolis,
Londrina e Porto Alegre: edição dos autores, 2022.



ARTICULAÇÕES POÉTICAS
Grupo de pesquisa em Artes Visuais CNPq - UDESC



programa
pós-graduação
artes visuais
ceart/udesc

VENHA

Esta publicação é fruto das criações pandêmicas produzidas a partir da disciplina *Formas de narrar: Entre imagem e escritura*, realizada de modo síncrono e ministrada pela Professora Dra. Marta Lúcia Pereira Martins, integrante do grupo de pesquisa Articulações Poéticas (PPGAV/UDESC) no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis - SC, entre a primavera de 2021 e o verão de 2022.

